



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



ELABORAÇÃO DE TESTE DE MEMÓRIA VISUAL DE CURTO E LONGO PRAZO

Vitor Ferreira de Oliveira¹, Taíssa Rocha Galdino², Priscila Aparecida Rodrigues³ Fernando Bicocchi Canova⁴

1. Estudante de Psicologia; e-mail: vitorconatus@gmail.com;
2. Estudante de Psicologia; e-mail: rtaissa98@gmail.com ;
3. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: priscilarodrigues@umc.br.
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: fernandocanova@umc.br;

Área de conhecimento: Ensino – Aprendizagem.

Palavras-chave: Memória de Curto Prazo; Memória de Longo Prazo; Teste.

INTRODUÇÃO

Memória é o termo usado para nominar a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações (LENT, 2018). Fundamental para a sobrevivência, ela é condição de aprendizagem, comunicação e formação da identidade (BUENO; BATISTELA, 2015). Na obra citada, os autores destacam que apesar do termo sugerir um sistema unitário, os estudos sobre a memória nos permitem distingui-la em múltiplos tipos e subtipos. Aliás, embora a existência de vários tipos de memórias seja admitida, por unanimidade, entre os pesquisadores da área, um estudo realizado por Mourão & Faria (2015) revela que “a confusão conceitual tem sido a regra, não a exceção, quando se escreve sobre memória” (p. 783). Por isso a presente pesquisa opta por dialogar com autores afins aos estudos de Alan Baddelay; para garantir coerência entre os conceitos utilizados. Segundo Sousa & Salgado (2015), a classificação dos diferentes tipos de memória pode ser feita a partir de dois critérios: (1) pela forma de aquisição; e (2) pelo tempo de armazenagem. As autoras indicam que do primeiro critério decorrem as memórias explícita e implícita; e do segundo, as memórias de trabalho, de curto, e de longo prazo. Bueno & Batistela (2015) explicam que a memória de curto prazo tem capacidade limitada de armazenamento e só pode reter informações por alguns segundos; “enquanto a memória de longo prazo é capaz de armazenar quantidade ilimitada de informações por minutos ou anos”. Mourão & Faria (2015) destacam dois grandes problemas de ordem metodológica no estudo da memória: (1) não há como estudar a memória em si mesma, uma vez que seus processos não funcionam isoladamente, mas estão diretamente relacionados a outros, como função executiva, atenção e emoção; e (2) um inconveniente prático em relação aos testes psicométricos para avaliação da memória, a saber, o fato do examinador escolher o quê e quando o paciente deve evocar ou guardar uma

informação, sendo que na realidade do cotidiano, é o próprio sujeito quem determina tais escolhas. Isto posto, a problemática da pesquisa envolve o nível de desempenho das memórias de curto e longo prazo em pessoas após a aplicação do teste de memorização de imagens.

OBJETIVOS

(1) Avaliar o desempenho da memória de curto e longo prazo de universitários; (2) Caracterizar o estado de humor dos participantes antes e depois da testagem; (4) Verificar se o estado de humor dos participantes influenciou na memorização de imagens de faces específicas.

METODOLOGIA

A pesquisa tem delineamento experimental, que visa conhecer o comportamento de indivíduos em certo período, analisando variáveis que podem influenciar no desempenho dos participantes durante a testagem (GIL, 2008). A primeira etapa se concretizou com a elaboração do teste de memória composto por imagens dos rostos dos voluntários maiores de 18 anos que assinaram o Termo de Autorização de Uso de Imagem. Formalizado o aceite da participação, os alunos foram encaminhados para a coleta das fotos, onde foram fotografados à frente de um fundo branco. Na segunda etapa, a aplicação do teste elaborado na pesquisa, 10 voluntários participaram da testagem. Além do teste supramencionado, utilizou-se o Brief Visual Memory Test Revised (BVMT-R) que avalia a memória episódica verbal e memória Episódica Visuoespacial, esse teste se estrutura a partir da apresentação de figuras de formas geométricas ao indivíduo, tendo como objetivo avaliar a memória episódica visuoespacial a partir da capacidade de reprodução posterior das figuras no papel; tanto em relação à forma como à localização no papel (MIOTTO *et al.*, 2012). Finalmente, também foi instrumento de coleta de dados a escala Hospital Anxiety and Depression (HAD) que é um instrumento utilizado para mensurar sintomas de depressão e ansiedade, estruturado a partir de 14 questões objetivas; entre os quais sete investigam ansiedade e outras sete, sintomas de depressão, está escala resulta em scores de ansiedade e depressão em três níveis, sendo considerada leve a pontuação de 0 a 6 pontos; moderada a de 7 a 12; e grave, de 13 em diante (BOTEGA *et al.*, 1998).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Teste de Memorização de Rostos (TMR), elaborado no presente estudo, avalia apenas a capacidade de reconhecer as imagens, diferindo-se do BVMT, que além da capacidade de reconhecimento, avalia também a capacidade de evocar as memórias. Inicialmente, esta pesquisa trabalhou com duas hipóteses: (1) o desempenho da memória dos estudantes na

primeira testagem (T1), imediatamente após a memorização (ME), seria superior à segunda testagem (T2), cerca de 30 minutos após a ME; e (2) as duas imagens presentes nas três fases do teste (M2 & M4) seriam reconhecidas mais facilmente pelos participantes, fenômeno explicável pela repetição. Os achados validaram a hipótese inicial de que os participantes reconheceriam mais facilmente as imagens que se repetissem nas duas testagens. Isso porque as duas imagens mais lembradas são as mais repetidas (M2, M4); e as duas menos lembradas, as menos repetidas (M3, M5). Para atestar essa afirmação, os pesquisadores utilizaram o coeficiente de correlação de Pearson, cruzando a quantidade de repetições de cada imagem com a porcentagem de reconhecimento geral delas. Como resultado, obteve-se o coeficiente de correlação equivalente a 0,89, indicando a existência de uma correlação positiva forte entre as duas variáveis. Além disso, o coeficiente de determinação alcançado foi de 80%, o que significa que 80% do aumento na porcentagem de reconhecimento é explicado pelo aumento nas repetições. Quanto à outra hipótese proposta pelos autores, de que haveria uma queda no desempenho médio dos voluntários, entre a T1 e a T2, os resultados são inconclusivos. De fato, houve uma queda, mas de valor inexpressivo (apenas 2%), ou seja; aqui as memórias de curto e longo prazo performaram de modo praticamente igual. Assim, essa variação é insuficiente para confirmar a primeira hipótese dos pesquisadores. Resultados equiparáveis surgiram do BVMT. Neste a repetição da apresentação da prancha aumenta expressivamente a pontuação da maioria dos voluntários a cada evocação. E, tal como no TMR, há uma queda insignificante da pontuação média da 3ª evocação para a 4ª, sendo está tardia e sem apresentação prévia da prancha de memorização. Assim, memórias de curto e longo prazo mantêm performances semelhantes neste teste. Não foram identificadas associações entre classificações de ansiedade / depressão e a recordação de rostos específicos, tampouco parece haver alguma correlação entre esses escores e o desempenho da memória em ambos os testes. Da mesma forma, não houve influência significativa das variáveis sexo, idade, sono e rotina de atividade física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo conclui que a repetição pode ser uma estratégia poderosíssima na memorização de rostos. Verificou-se a existência de uma correlação positiva forte através da qual 80% do aumento na porcentagem de reconhecimento é explicável pelo aumento nas repetições. Esses resultados não são inéditos na literatura. Mourão Júnior & Faria (2015) afirmam que a repetição de um estímulo ativa o mesmo circuito neural, reforçando-o e tornando sua ativação futura mais fácil. Apesar do descrito acima, é preciso enfatizar que correlação não é necessariamente sinônimo denexo causal. Isto significa admitir a possibilidade de que o aumento na quantidade de repetições possa não ser a causa real do aumento no índice de reconhecimento. Afinal há diversas variáveis passíveis de exercer

controle sobre a evocação das memórias. Por exemplo, as expressões faciais, os acessórios, tal qual os óculos, brincos etc. Outro fator importante é a quantidade de repetições adotada neste estudo, talvez baixa demais para sustentar com firmeza a equação que indica a existência de uma correlação forte entre as variáveis. Recomenda-se, portanto, que este estudo seja replicado e revisto com especial atenção a esses aspectos.

REFERÊNCIAS

- BOTEGA, Neuri J, *et al.* Validação da escala hospitalar de ansiedade e depressão (HAD) em pacientes epiléticos ambulatoriais. **J Bras Psiq.** 1998; 47: 285-289.
- BUENO, Orlando F. A.; BATISTELA, Silmara. Sistemas e tipos de memória. In: SANTOS, Flávia Heloisa dos; ANDRADE, Vivian Maria; BUENO, Orlando F. A. **Neuropsicologia hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LENT, Roberto. **Neurociência da Mente e do Comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.
- MIOTTO, Eliane C. *et al.* Hopkins verbal learning test-revised and brief visuospatial memory test-revised: preliminary normative data for the Brazilian population. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 70, n. 12, p. 962-965, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2012001200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 mai. 2020.
- MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole C.; **Memória**. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 28 (4), 780-788, 2015.
- SOUSA, Aline B.; SALGADO, Tania Denise M.; Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 16, n. 26, p. 101-220, jul./dez. 2015.